

MAGDA SOARES E A VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS: O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL E A AUTORIA DOCENTE NO PROJETO ALFALETRAR

MAGDA SOARES AND THE VALUATION OF EDUCATIONAL PRACTICES: PROFESSIONAL
DEVELOPMENT AND TEACHER AUTHORSHIP IN THE ALFALETRAR PROJECT

Daniela Freitas Brito Montuani

Universidade Federal de Minas Gerais
danimontuani@gmail.com

Maria José Francisco de Souza

Universidade Federal de Minas Gerais
mariajosef1797@gmail.com

RESUMO

A preocupação com implicações educacionais das abordagens dos conceitos de alfabetização e letramento foi bastante ressaltada nos trabalhos de Magda Soares e, com ela, a defesa de uma sólida formação docente para atuar na aprendizagem inicial da língua escrita. O projeto *Alfalettrar*, que coordenou no município de Lagoa Santa–MG, foi citado como um ‘laboratório’ em que as dimensões teórico-metodológicas eram estudadas e confrontadas nas práticas educativas com valorização da autoria docente nas propostas de criação de jogos e recursos didáticos para alfabetizar e letrar. Este artigo apresenta reflexões sobre essas dimensões presentes no Projeto e nos eventos Paralfalettrar e Alfalendo e destaca contribuições dessas experiências para o “Laboratório de Alfabetização e Letramento” LAL/Ceale.

Palavras-chave: alfabetização e letramento; Alfalettrar; autoria docente; práticas de professoras alfabetizadoras; jogos e recursos didáticos de alfabetização.

ABSTRACT

The concern with educational implications of approaches to the concepts of literacy and literacy was highly emphasized in the works of Magda Soares and, with her, the defense of solid teacher training to act in the initial learning of the written language. The Alfalettrar project, which he coordinated in the municipality of Lagoa Santa–MG, was cited as a ‘laboratory’ in which the theoretical-methodological dimensions were studied and confronted in educational practices with emphasis on teaching authorship in proposals for creating games and didactic resources for literacy and literacy. This article presents reflections on these dimensions present in the Project and in the events Paralfalettrar and Alfalendo and highlights contributions of these experiences to the “Laboratory of Literacy and Literacy” LAL/Ceale.

Keywords: literacy and literacy; alphabetize; teaching authorship; practices of literacy teachers; literacy games and didactic resources.

INTRODUÇÃO

Em diferentes obras, artigos, entrevistas Magda Soares (1998, 2004, 2004a, 2008, 2016, 2020; SILVA; OLIVEIRA, 2017) tematiza e problematiza concepções e perspectivas de ensino de língua portuguesa, de alfabetização e, mais recentemente, de letramento, destaca contribuições da linguística, da sociolinguística, da psicolinguística e chama atenção para a complexidade dos processos de ensinar e de aprender a ler e a escrever e as diferentes facetas envolvidas nesses processos.

Em breve retomada das concepções e perspectivas, destaca as décadas de 1980 e 1990 como marcantes pelas ‘novidades’ (2004a) na forma de pensar o ensino, em função de bases teóricas que inspiraram mudanças em relação ao que ensinar e aos modos/às metodologias de se ensinar, e a aprendizagem que passa a ser foco de estudos que buscam compreender como as crianças aprendem e quais hipóteses elaboram quando ainda não compreendem como escrever/como ler. Destaca, para o campo da alfabetização, as pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1985) e as tentativas de compreender as motivações para os ‘erros’ de escrita que cometem ao longo do processo de apropriação da escrita (SOARES, 2004a). As novidades anunciadas naquele momento e a forma como foram apropriadas no discurso e na prática pedagógica ao longo da segunda metade dos anos 1990 e início dos anos 2000 motivaram Magda Soares (2004) a elaborar novas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem inicial da língua escrita frente à persistente realidade de fracasso escolar de muitas crianças após três, quatro anos de escolarização.

O contexto de disputa entre defensores da teoria psicogenética proposta por Ferreiro e Teberosky (1985), defensores de métodos sintéticos – especialmente o fônico apontado por alguns grupos como solução para o problema – e a emergência do conceito de letramento instigou a pesquisadora e educadora a refletir sobre um processo que nomeou como *desinvenção* da alfabetização por observar certa perda da especificidade desse processo. A autora defende, então, a *reinvenção* da alfabetização, ou seja, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização, entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita alfabético e ortográfico, que deve ser objeto de ensino sistemático e metodologicamente orientado (SOARES, 2004).

Na ocasião, Soares (2004) defendia a necessidade de investimento sistemático na atualização/reformulação dos cursos de formação de docentes para os anos iniciais do ensino fundamental com bases teórico-metodológicas que lhes permitam enfrentar a situação de fracasso no ensino e na aprendizagem da língua escrita. A formação pretendida e defendida por Magda Soares ancorava-se, conforme observado também em obras posteriores (SOARES, 2016, 2020), tanto em pressupostos teórico-metodológicos que permitam olhar com maior capacidade de compreensão a realidade diversa que a sala de aula apresenta quanto uma prática refletida/reflexiva e autoral que mobilize a teoria em função de sujeitos e situações de ensino e de aprendizagem reais. Na trajetória de Magda Soares, a experiência em Lagoa Santa com o projeto Alfalettrar é uma marca do investimento que a pesquisadora e educadora fez na formação e no desenvolvimento profissional continuado de determinado grupo de professoras, um “laboratório” – como afirmou algumas vezes – para analisar, confrontar e refletir sobre teorias, práticas e sobre as teorias na prática. Neste artigo, a proposta é refletir sobre essa experiência por se tratar de uma importante intervenção prática na alfabetização em uma rede pública de ensino que concretiza, em grande medida, a reiterada defesa feita por Magda Soares de uma formação docente sólida, contínua, em diálogo e com protagonismo docente em que a reflexão teórico-metodológica esteja ancorada na experiência concreta da sala de aula, na prática pedagógica. Ao analisar a experiência do projeto Alfalettrar, pretende-se, também, destacar os saberes (teóricos e práticos)

construídos pelas professoras alfabetizadoras e como se relacionam com as diferentes fontes “formação inicial e contínua dos professores, currículo e socialização escolar, conhecimento das disciplinas a serem ensinadas, experiência na profissão, cultura pessoal e profissional, aprendizagem com os pares etc.”, conforme destacado por Tardif e Raymond (2000, p.212).

AS EXPERIÊNCIAS DE LAGOA SANTA E O PROCESSO DE AUTORIA DOCENTE

O projeto Alfalettrar foi iniciado, em 2007, pela professora Magda Soares e tem em sua concepção a defesa de que todas as crianças podem aprender a ler e escrever por meio de um processo que considere a alfabetização e o letramento como indissociáveis e interdependentes e que reconheça suas especificidades, suas diferentes dimensões, ou facetas, que demandam metodologias diferentes. Um reconhecimento de que a aprendizagem inicial da língua escrita exige múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático outras por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças, de modo a garantir, simultaneamente, a alfabetização, pela aquisição do sistema convencional da escrita, e o letramento por meio do desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (SOARES, 2004)

Nesse sentido, há um conjunto de ações que foram e continuam sendo desenvolvidas no município de Lagoa Santa que demonstram a participação ativa das docentes na constituição do projeto Alfalettrar. Em entrevista realizada por Silva e Oliveira (2017), Magda Soares enfatiza essa participação ao afirmar

O projeto não veio de cima ou de fora, foi construído pelos professores da rede, com a coordenação do Núcleo. Por isso os profissionais se envolveram com o projeto e se sentem responsáveis por ele. (...) A autonomia dos professores foi respeitada, cabendo a eles construir o caminho em direção aos objetivos, de acordo com as condições de seus alunos, que são sempre singulares. Não temos um material único para a rede, cada professor cria seus procedimentos, seu material, e há frequentes trocas entre os professores, sobretudo nas exposições anuais em que apresentam à rede o que fizeram, o que as crianças fizeram. Há uma solidariedade entre os professores e um compromisso assumido com a aprendizagem das crianças. (p.934)

Destaca-se nesse trecho a valorização que é dada à experiência e à autoria docente no processo formativo construído na Rede. Conforme destacado acima e observado em pesquisas (MONTUANI, 2013; MONTUANI; SOUZA, 2022), as ações pedagógicas partem de diagnósticos realizados no decorrer do ano para orientar a realização do trabalho do professor, da escola e da rede, com metas estabelecidas para atingir o desenvolvimento dos seguintes componentes: conceitualização da escrita (diagnóstico), consciência fonológica ou fonêmica, tecnologia da escrita, leitura, escrita e o uso social da escrita. A fim de realizar um trabalho sistemático e em rede, há orientações bem delineadas para que as professoras realizem um planejamento semanal em que estejam inseridas atividades que incluam capacidades relacionadas a esses componentes, bem como ações específicas que são exigidas na ação do docente, como a leitura ou contação de histórias diariamente, exploração diária do calendário e visita semanal à biblioteca escolar.

Alicerçado no projeto Alfalettrar que é mais amplo, há no município, desde 2008, a realização de dois eventos, o Paralfaletrar e o Alfalendo, que dão visibilidade às ações das docentes no decorrer do ano letivo. O primeiro tem o intuito de apresentar e socializar recursos metodológicos criados pelas

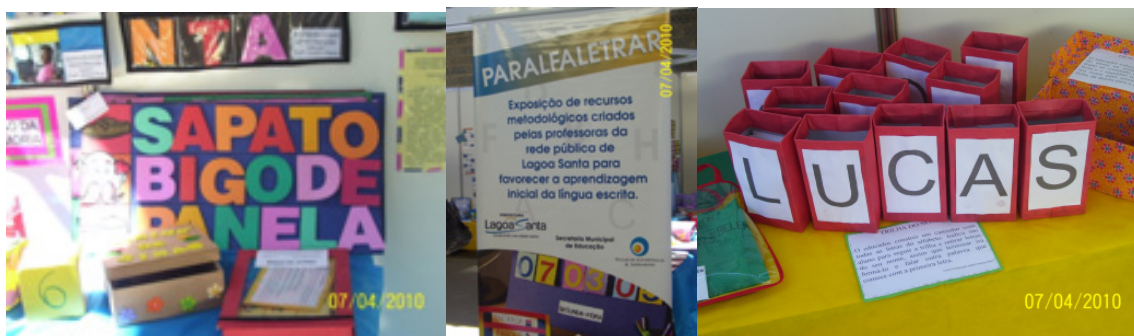
próprias docentes para o trabalho com a alfabetização e o letramento. As professoras são instigadas a criar recursos diferenciados, lúdicos e com potencial pedagógico para que as crianças desenvolvam as capacidades de alfabetização e letramento necessárias ao grupo. O segundo divulga os trabalhos realizados com as turmas em relação à leitura literária. Ambos os subprojetos culminam em exposições (Paralfaletrar e Alfalendo) nas quais é possível perceber o envolvimento das crianças e de toda a comunidade escolar na realização das atividades. Segundo Cassiano e Araújo (2017), integrantes do Núcleo de Alfabetização e Letramento desde a sua criação, atuando também na coordenação, há uma valorização do processo criativo e da experiência docente.

Não temos métodos nem metodologias específicas nem material didático pré-definido. Temos a liberdade de criar atividades contextualizadas, para facilitar que os alunos alcancem as metas. Os jogos de linguagem, brincadeiras cantadas, trabalho com parlendas, quadrinhas, trava-línguas e poemas são constantemente utilizados para facilitar aos alunos a construção da consciência fonológica e o conhecimento das letras. Quanto mais a criança puder brincar com os sons das palavras, principalmente com as rimas, articulando-as com situações de leitura e de escrita, mais facilmente compreenderá que as letras representam os sons e, dessa forma, poderá avançar de uma hipótese a outra sobre o sistema de escrita alfabético. Em todos os anos, as atividades partem sempre da leitura e interpretação de textos de diferentes gêneros, de modo que os alunos aprendem com base em usos reais da língua oral ou escrita. (CASSIANO; ARAÚJO, 2017, p.842).

As duas exposições são uma das formas de vislumbrar esse coletivo de produções da Rede. No evento Paralfaletrar, os recursos didáticos desenvolvidos, em sua grande maioria jogos e atividades lúdicas, são elaborados e organizados por componentes de aprendizagem. Em 2019, por exemplo, cada uma das turmas da Rede se responsabilizou por expor um recurso didático que envolvesse um dos seguintes componentes: Jogos de escuta (Maternal I e II), Conhecimento de Letras (Maternal III), Consciência fonológica (Infantil I), Consciência Silábica (Infantil II), Consciência grafofonêmica (1º ano), Leitura de Palavras/Pequeno Texto (2º ano), Leitura e Compreensão (3º ano), Escrita ortográfica (4º ano) e Produção de textos (5º ano).

Além de produzir os recursos didáticos, as docentes são incentivadas a produzir o texto que orienta as mediações para que cada recurso possa ser utilizado por outras educadoras, incluindo tópicos como: turma, nome do jogo, componente metodológico, objetivos, materiais, organização do jogo, desenvolvimento do jogo e regras. Essa produção desvela mais ainda o potencial formativo dessas exposições, pois há um compartilhamento de saberes com docentes da Rede e de demais redes de ensino e universidades.

IGURA 1 – Materiais exposto no Evento Paralfaletrar/2010



Fonte: Acervo pessoal

FIGURA 2 – Recursos didáticos expostos no Evento Parafaletrar/2017



Fonte: Acervo pessoal

Montuani e Souza (2022) acompanharam semanalmente o trabalho desenvolvido em uma turma de infantil II (5 anos) durante o ano de 2017, sendo possível vivenciar o processo de elaboração de jogos pela docente e outros dispositivos didáticos tais como sequências didáticas. Em especial, foi possível vivenciar a elaboração de um jogo de análise fonológica que seria exposto no evento Parafaletrar daquele ano e, ainda, as experimentações e mediações realizadas pela docente com o material antes de expor para a comunidade escolar. No decorrer do processo ela sinalizou alterações que gostaria de fazer tanto na materialidade quanto nas regras do jogo. O percurso de mediação com o jogo está descrito no trecho a seguir.

Quadro 1 – Descrição de momento do Jogo Tapete Silábico

Este jogo é composto por tapetes, feitos de tecido, e em cada um havia oito imagens, fixadas em velcro, de acordo com a quantidade de sílabas da palavra, e fichas de sílabas móveis. Antes de iniciar o jogo, a professora organizava a turma em pequenos grupos e distribuía um tapete para cada um. O objetivo era que cada grupo finalizasse a escrita de todas as palavras do tapete, sendo ganhador aquele que finalizasse primeiro. As regras foram explicadas pela docente, que, durante a execução, passava nos grupos e fazia pequenas intervenções ao perceber como as crianças estavam pensando sobre os sons de alguma palavra, como podemos ver nas falas da professora: “Vai pensando nos pedacinhos” e “Presta atenção: TA - TAAA”. [...] Observamos que algumas crianças localizavam a sílaba da palavra, mas não sabiam em qual lugar deviam colocá-la, isto é, começavam a colocar as sílabas da direita para a esquerda e, nesses momentos, a intervenção da docente era essencial. Além disso, durante o desenvolvimento do jogo, criou-se entre as crianças do grupo uma construção colaborativa, pela qual elas se ajudavam na reflexão e na escrita das palavras, como podemos notar na fala de uma criança para outra do seu grupo: “Olha: TO, TO é T com O” (Criança A). Ao finalizar o jogo, a professora leu, para toda a turma, todas as palavras construídas com as sílabas móveis de todos os grupos.

Fonte: Montuani e Souza (2022)

FIGURA 3 – Jogo Tapete Silábico – Infantil II, 2017



Fonte: Montuani e Souza (2022)

Além dos jogos de alfabetização, as sequências didáticas também se constituíram como importante estratégia para o ensino da leitura e escrita, numa interface com a proposta de letramento. A professora era autora de todo material e organizava as sequências, tomando um texto que servia como referência para a elaboração de várias atividades de alfabetização e outras áreas de conhecimento. O projeto Alfalettar prevê que os textos de diferentes gêneros devem ser a referência para todo o trabalho desenvolvido em sala de aula e Montuani e Souza (2022) verificaram a exploração de diferentes gêneros textuais como poemas, parlendas, trava-línguas e pequenas histórias.

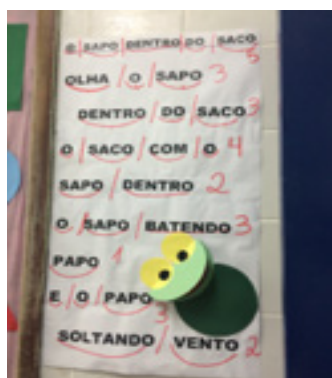
De acordo com as autoras, partia-se da exploração oral dos textos, por meio de brincadeiras e/ou contação de histórias e, em seguida eram conduzidas as demais atividades contemplando os diferentes componentes: conhecimento de letras do alfabeto, consciência fonológica, leitura de palavras, leitura e interpretação de texto e produção de textos. Geralmente, as sequências eram desenvolvidas em um período de 15 dias que compreendia a introdução de um novo texto e demais atividades a ele relacionadas. Conforme descrito por Montuani e Souza (2022), todas as atividades eram elaboradas pela docente com apoio da representante do Núcleo de Alfabetização em um processo que visava contemplar as habilidades e conhecimentos que eram meta de ensino para aquela turma.

Em entrevista citada anteriormente (SILVA; OLIVEIRA, 2017), Magda Soares também enfatiza os procedimentos que são norteadores das sequências didáticas desenvolvidas pelas professoras, sempre considerando o acompanhamento que é fornecido à docente nesse processo

[...] para pensar nessas atividades, discutimos muito, e continuamos sempre discutindo, quais as estratégias de leitura, quais são as ações cognitivas que você tem que desenvolver na criança, desde os três, quatro anos ou até menos que isso, mas sempre a partir do texto. Por exemplo: você escolhe um texto, uma história, faz a leitura, discute, trabalha a compreensão do texto, tira uma frase, não inventa uma frase... leva as crianças a segmentar a frase do texto em palavras e depois a segmentar palavras em sílabas (...) Em síntese, trabalhamos basicamente com sequências didáticas: partimos de um texto e de sua interpretação, e no texto e a partir dele desenvolvemos os conceitos e as habilidades que são objetivos de aprendizagem naquele momento. (p.938)

Nota-se no trecho acima que a formação ocorria em contínuo diálogo entre docentes com a mediação de Magda Soares, ponderando e contribuindo com as reflexões e tomadas de decisão. O cartaz apresentado a seguir foi elaborado pela professora cujas aulas foram observadas por Montuani e Souza (2022). Nele é possível visualizar várias marcações que indicam algumas das explorações realizadas (separação do espaço entre palavras, indicação de palavras chave, contar número de palavras na frase), demonstrando como esse dispositivo era utilizado como uma referência para a sequência.

Figura 4 – Cartaz feito pela professora com o texto-referência da sequência didática O sapo dentro do saco



Fonte: Montuani e Souza (2022)

Em relação ao segundo evento que objetiva dar visibilidade às práticas educativas das professoras alfabetizadoras, o Alfalendo traduz a marca do letramento nas ações da Rede. Nesse evento são apresentados os trabalhos desenvolvidos pelas professoras em suas turmas com o foco principal na literatura. Na organização da exposição não há uma separação dos trabalhos por escola. Apesar de haver a indicação de autoria das crianças, professoras e escolas em cada um dos trabalhos, na organização geral, os trabalhos são separados por meio de classificações diferenciadas seja por gêneros literários (como no evento em 2010) ou por segmentos de ensino (como no evento de 2013). Dessa forma, garante-se a visualização de um trabalho do coletivo da Rede.

Em relação ao Alfalendo é importante destacar que esse projeto permite às crianças produzirem livros e materiais com uma destinação real, aproximando as práticas de produção textual a situações autênticas de letramento, uma vez que os livros e demais produtos serão lidos e apreciados por visitantes da exposição e, em muitos casos, posteriormente ao evento, passam a integrar os acervos das bibliotecas ou das salas de aula (MONTUANI, 2013). Como exemplo, podem ser citados alguns trabalhos expostos no Alfalendo/2010, tais como: indicações literárias dos alunos (“Bolo literário”, “Maluquinhos por leitura”, “Dicas literárias”); registro de recontos (“Narrativas literárias: Contos de fadas”, “A verdadeira história da Chapeuzinho Vermelho”); criação de livros com histórias lidas e ouvidas (“O almoço”, “Lendas da Lapinha”); transposição de contos para outros gêneros literários (“Clássicos viram poesia”); registro das apreciações dos livros lidos (“Poemas e poesias”, “Histórias que li e ouvi”); malas literárias que propiciam às crianças levarem os livros para casa; outras criações literárias a partir das obras lidas (“O casamento de Felpeo e Charlô”). Essas produções refletem as ações das crianças em relação às obras trabalhadas, explorando suas dimensões estéticas, privilegiando a apreciação, a construção de sentidos e compreensão, inserindo as crianças no mundo das narrativas e outros gêneros literários (MONTUANI, 2013).

FIGURA 5 - Exposição Alfalendo 2011 - Bolo Literário.



Descrição realizada pela professora - 2º ano EF: Comemorando os 80 anos de Ruth Rocha, decidimos homenageá-la, lendo várias obras de sua autoria. Em um trabalho interdisciplinar, optamos por confeccionar o Bolo Literário. Nele, destacamos as obras com as quais os alunos mais se identificaram. Em cada fatia há releitura da capa de uma obra, além de um pequeno relato dos alunos sobre a obra (MONTUANI, 2013, p.181)

FIGURA 6 - Exposição Alfalendo 2013 - O casamento de Felpo Filva



(Baseado no livro *Felpe Filva* – Obra distribuída pelo PNBE/2008)

Descrição realizada pela professora - EF: Nada melhor que um projeto lúdico para permitir que as crianças possam mergulhar no mundo encantado da leitura. O livro *Felpe Filva*, da premiadíssima autora Eva Furnari, consegue de forma lúdica e muito criativa apresentar para seus leitores uma enorme variedade de textos com que convivemos nos mais diferentes contextos, demonstrando assim uma variedade de gêneros textuais. Mas, não é só isso, o livro também aborda de forma carinhosa e com muito bom humor “as diferenças”. Para a autora é possível discutir com leveza sobre o tema tão delicado, como o respeito às diferenças. O livro nos propiciou realizar diversas atividades e entrar no mundo divertido e encantado dos coelhos Felpe e Charló, convidamos você para entrar também, venha! (MONTUANI, 2013, p.183).

Ao analisar todo esse processo de criação, experimentação, mediações e reflexões sobre os materiais e recursos criados pelas docentes de Lagoa Santa, é possível identificar a construção e o desenvolvimento de um saber docente (TARDIF; RAYMOND, 2000) mediados por instâncias formativas. Destacam-se, especialmente, o Núcleo de Alfabetização e Letramento da Secretaria Municipal de Ensino de Lagoa Santa e a atuação de Magda Soares como interlocutora nesse processo de formação teórico-metodológica em estreito diálogo com a prática docente, a formação entre pares que favorece as trocas de experiências vivenciadas em sala, na experiência profissional.

É possível identificar, também, as discussões que Dolz (2016) desenvolveu sobre o papel do professor como engenheiro didático na criação de dispositivos de ensino que atendam as reais necessidades de aprendizagem das crianças. O autor destaca que é muito importante considerar determinadas etapas no processo de desenvolvimento de dispositivos didáticos, como (i) **análise prévia da concepção do trabalho**: analisar o objeto de ensino sob o ponto de vista linguístico e epistemológico e ainda considerar as capacidades e possíveis obstáculos para a turma; (ii) **criação de um protótipo do dispositivo didático**: analisar previamente as tarefas possíveis de serem realizadas; (iii) **experimentação**: realizar implementação do ensino pelo engenheiro didático ou estudo de caso e pesquisa com professores visando ajustes tendo em vista o contexto de uso; (iv) **análise posterior dos resultados observados**: identificar vantagens e limites do dispositivo criado. A produção desses recursos didáticos anteriormente apresentados tem mobilizado as docentes a desenvolverem esse percurso proposto por Dolz (2016), além disso, demonstra uma valorização da autoria docente bem fundamentada em reflexões teórico-metodológicas que orientam o projeto de ensino das escolas públicas de Lagoa Santa.

O PROJETO ALFALETRAR COMO “INSPIRAÇÃO”¹ PARA A CONSTITUIÇÃO DO LABORATÓRIO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DO CEALE/FAE/UFMG

O percurso descrito e analisado neste artigo evidencia o investimento ancorado na crença em uma melhor qualidade de ensino da leitura e da escrita a partir do envolvimento das docentes de Lagoa Santa em aprofundamento permanente nos estudos, acompanhamento do trabalho docente e do desenvolvimento das crianças e produção de recursos didáticos. Evidencia, também, uma das grandes questões pontuadas por Magda Soares: a preocupação com formação inicial e desenvolvimento profissional (expressão utilizada para substituir a comumente utilizada “formação continuada”) para o trabalho com a alfabetização e o letramento. Vale retomar mais um trecho da entrevista concedida a Silva e Oliveira (2017) em que Magda Soares expressa essa preocupação

Vejo hoje com clareza que há uma grande distância entre a formação de professores para a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental nas Faculdades, nos Cursos de Pedagogia, e o que é a prática real desses professores nas escolas públicas. Na formação inicial, o que se consegue, no máximo, são um ou dois semestres para discutir alfabetização, em geral nenhum para discutir letramento – para a formação de crianças leitoras e produtoras de textos. O foco maior nos cursos de Pedagogia tem sido os fundamentos da educação. Este é o grande problema: a ausência de articulação teoria e prática. Estudos dos fundamentos talvez ajudem os futuros professores a compreender e avaliar as práticas de educação na sociedade, não propriamente o ensino nas escolas, não têm ajudado a atuar no quadro dessa compreensão e avaliação. A articulação entre teoria e prática é mesmo difícil: como a teoria pode se traduzir em prática e como a prática pode confirmar ou contrapor-se à teoria? É o desafio das respostas a essas perguntas que tenho enfrentado, vindo de uma vida acadêmica para esta imersão na realidade de escolas públicas. Descubro que é a partir de uma situação real que buscamos o apoio das teorias, e que estas ou iluminam a situação ou se mostram insuficientes para compreendê-la, e então é necessário corrigir teorias, construir novas hipóteses... Vejo a insuficiência de uma formação inicial, e também de formações continuadas, se não estiverem intimamente associadas a práticas reais no contexto real em que se desenvolvem aprendizagem e ensino. (p.939)

Como destacado anteriormente, uma estratégia privilegiada por Magda Soares na experiência em Lagoa Santa foi a proposta de trabalho em Rede que valoriza e prioriza os momentos de estudos semanais e trocas de experiências entre as docentes sobre as ações em sala de aula de forma a atender as necessidades das crianças de cada turma. Cassiano e Araújo (2017) indicam que, no conjunto dos profissionais da educação que chegam para trabalhar na Rede, nota-se ausência de reflexões teórico-práticas sobre a aprendizagem inicial da língua escrita, o que torna mais necessários os momentos que o Núcleo de Alfabetização e Letramento da Rede proporciona para os estudos (reuniões semanais da equipe do Núcleo, encontros mensais de formação com todos profissionais da escola e atendimentos mais próximos dos professores e de cada sala de aula por meio das representantes do Núcleo presente em cada escola)

São momentos de estudo riquíssimos aos quais não tivemos acesso em nossos cursos de formação inicial. São estes estudos que nos fazem entender os caminhos da nossa prática em direção à aprendizagem dos alunos. Nas instituições superiores aprendemos as teorias, mas na prática, no chão da escola, percebemos que só teorias não nos capacitam a garantir que o que ensinamos será de fato aprendido pelo aluno. O que nos empodera como professoras plenas, o que sobretudo garante a aprendizagem de nossos alunos, são os estudos e discussões das relações entre prática e teoria nos seminários. Nas instituições superiores aprendemos as teorias, mas na prática, no chão da escola, percebemos que só teorias não nos capacitam a garantir que o que ensinamos

1 De acordo com Magda Soares, “O que eu quero mesmo é que as ideias que estamos tentando colocar em prática aqui [em Lagoa Santa] possam servir de inspiração para muitos municípios e professores.” (SILVA; OLIVEIRA, 2017, p.939).

será de fato aprendido pelo aluno. O que nos empodera como professoras plenas, o que sobretudo garante a aprendizagem de nossos alunos, são os estudos e discussões das relações entre prática e teoria nos seminários (CASSIANO; ARAÚJO, 2017, p.840)

O trecho reitera, sob a perspectiva das professoras, diferentes fontes do saber docente (TARDIF; RAYMOND, 2000) por elas construído e valorizado, sinalizando a formação inicial como importante, mas insuficiente para responder às demandas da prática. O trecho evidencia, também, uma importante contribuição de Magda Soares para a constituição de saberes docentes que resultam no empoderamento de professoras que se veem como “plenas” em função dos estudos e das discussões de que participam. Essa intervenção prática na alfabetização, em certa medida, materializada em produções e mediações com diferentes recursos didáticos para alfabetizar e letrar inspirou a criação do projeto de ensino e extensão denominado Laboratório de Alfabetização e Letramento - LAL², em 2017, no Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG– Ceale/FaE/UFMG.

Vale destacar que o Ceale foi fundado pela professora Magda Soares, em 1990, e sempre buscou, por meio de seus diversos projetos de pesquisa e extensão, contribuir diretamente com a formação de professoras e professores de escolas públicas brasileiras e com a produção e divulgação de conhecimentos científicos sobre a alfabetização e letramento. Por meio do Laboratório de Alfabetização e Letramento foi instaurada mais uma possibilidade de ampliar as discussões e a formação docente com reflexões sobre a importância da utilização de jogos de alfabetização e recursos didáticos que favoreçam a aprendizagem da leitura e escrita, tendo a ludicidade como uma das portas para que esse aprendizado ocorra de forma significativa.

O LAL, como espaço físico, disciplina e projeto de extensão, surgiu como resposta a uma demanda prática para a formação de estudantes do curso de Pedagogia que oportunizasse aprofundar questões teórico-metodológicas sobre a alfabetização e o letramento. Considerava-se que a oferta existente de disciplinas na grade curricular não era suficiente para garantir tais aprofundamentos em campos específicos da aprendizagem inicial da língua escrita. As visitas realizadas às exposições Paralfaletrar e Alfalendo por estudantes do curso de Pedagogia da FaE/UFMG fomentaram o desejo de analisar e refletir sobre os materiais apresentados e sobre a autoria docente no processo de ensino. Essa inspiração no projeto Alfaetrar, especialmente com a visibilidade propiciada pelas exposições, aliada a diálogos com a produção de Magda Soares sobre a especificidade da formação de professoras alfabetizadoras impulsionou a criação de uma disciplina, aproximando estudantes de Pedagogia, futuras professoras, da realidade e das possibilidades de desenvolvimento de um trabalho com vários recursos didáticos para alfabetizar e letrar crianças nas escolas públicas.

Em entrevista a Severo e Matias (2022), Magda Soares enfatiza novamente a necessidade de investir na formação ofertada nos cursos de Pedagogia

É preciso partir do princípio de que nós não temos, nos cursos de Pedagogia, nenhuma formação para a alfabetização. É uma luta que eu acabei desistindo de fazer, a de que a alfabetização tivesse um lugar grande, maior, no curso de Pedagogia. No currículo de um ou outro curso há uma disciplina sobre alfabetização, nunca sobre letramento, em geral seguida de um estágio, as alunas vão pra alguma escola e voltam com um relatório. Não adianta. Além disso, nós não podemos contar (eu não conto, nunca contei) com o que as alfabetizadoras já sabiam ou não. Então, em Lagoa Santa, elas foram se tornando alfabetizadoras por meio de um processo de desenvolvimento, com muito apoio de uma coordenação especializada em alfabetização e letramento, às vezes, apoio de professoras mais experientes que toda escola tem (p.385).

2 Para conhecer mais sobre as reflexões da disciplina e do projeto de Extensão do LAL/CEALE/UFMG, ver Montuani (2022) e Souza, Montuani, Magnani, Costa e Ferreira (2022).

A provocação feita por Magda Soares poderia ser elaborada como pergunta: é possível investir em uma formação inicial que propicie uma aproximação com a sala de aula, com crianças e demandas reais da prática mediada pelo diálogo com docentes experientes e por ações de planejamento, experimentação, análise, reflexão, avaliação e refação? A recente experiência com o LAL tem mostrado que, sim, é possível investir na formação de docentes que reflitam sobre os diversos aspectos materiais, linguísticos e epistemológicos envolvidos na análise e na produção de recursos didáticos de alfabetização, sejam jogos ou outros materiais. Nesse contexto, a experiência compartilhada por Magda Soares com o projeto Alfalettrar em Lagoa Santa – envolvendo o evento Paralfalettrar e todas as ações de planejamento, elaboração, mediações com os recursos criados que precedem a execução do evento – foi e tem sido inspiração e uma referência fundamental para pensar a formação docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das experiências elencadas e analisadas neste artigo é possível verificar a relevância do trabalho de Magda Soares não apenas no município de Lagoa Santa, uma vez que há um grande alcance das experiências ali vivenciadas em outras instâncias que discutem e vivenciam a aprendizagem inicial da língua escrita. Conforme destacado, a intervenção realizada por Magda Soares coloca em evidência aspectos como a valorização do trabalho e da experiência das professoras alfabetizadoras, o estímulo à autoria docente de forma bem fundamentada e com acompanhamento, a crença na potencial contribuição para o ensino e aprendizagem de bons recursos didáticos que, com a mediação docente, podem criar um ambiente mais favorável para alfabetizar e letrar, a garantia de um projeto de desenvolvimento profissional constante e que atenda toda a rede de ensino.

Ressalta-se, portanto, que os anos experimentados em diálogo mais profícuo e diário com professoras alfabetizadoras de uma rede pública de ensino dialogam, ampliam e aprofundam as reflexões teóricas e metodológicas desenvolvidas por Magda Soares ao longo de sua trajetória acadêmica e continuam nos trazendo elementos importantes para ampliarmos a qualidade de formação e do desenvolvimento profissional das professoras alfabetizadoras.

Referências

CASSIANO, J.; ARAÚJO, E. P. O Projeto Alfalettrar na Rede Municipal de Lagoa Santa – MG: elementos centrais. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 838–856, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.13i3.0012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10762>. Acesso em: 23 jul. 2023.

DOLZ, J. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *Delta*, v. 32, n. 1, p. 237-260, 2016.

MONTUANI, D. F. B. O Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL/CEALE/UFMG) como estratégia para formação inicial de professores. In: ARAÚJO, L.; CAMINI, P.; NOGUEIRA, G.; ZASSO, S. M. (orgs.). *Alfabetização: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos*. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 143-168

MONTUANI, D. F. B. O Programa Nacional Biblioteca da Escola PNBE: conhecimento, circulação e uso em um Município de Minas Gerais. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

MONTUANI, D. F. B.; SOUZA, V. M. Vivências de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita no município de Lagoa Santa - MG: Do projeto à sala de aula. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 35, 2022. DOI: 10.22456/2595-4377.119999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/119999>. Acesso em: 24 jul. 2023.

SEVERO, F. N. D.; MATIAS, J. Entrevista – Só se aprende a alfabetizar ao alfabetizar: uma entrevista com Magda Soares. *Saberes em Foco*, Revista da SMED NH v.5 n.1, p. 383–391, out 2022.

SILVA, M. C.; OLIVEIRA, R. A. J. Entrevista - Dialogando com Magda Soares sobre alfabetização, práticas pedagógicas e formação de rede. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 928–940, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.13i3.0016. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/10614>. Acesso em: 23 jul. 2023.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

_____. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n.24, jan./fev./mar./abr. 2004.

_____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17 ed. 15 imp. São Paulo: Ática, 2008.

_____. Novas perspectivas do ensino da Língua Portuguesa: implicações para a alfabetização. In _____. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2004a.

SOUZA, M. J. F. ; MONTUANI, D. F. B.; MAGNANI, G. A.; COSTA, I. S. ; FERREIRA, E. C. L. A constituição do Laboratório de Alfabetização e Letramento (LAL/CEALE/UFMG) como ação de extensão em tempos de pandemia. In: ARAÚJO, L.; CAMINI, P.; NOGUEIRA, G.; ZASSO, S. M. (orgs.). *Alfabetização: saberes docentes, recursos didáticos e laboratórios formativos*. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, v. 1, p. 168-184. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1eISQ4KrXZii7nEzfb2rRydoV_QJ6Vr3O/view Acesso em jul.23

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 21, n. 73, p. 209-244, dez. 2000.

Recebido em: 26/07/2023

Aprovado em: 30/08/2023